

DA SÉRIE
RENEGADE
ANGELS

SYLVIA DAY

Um toque de
vermelho

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

PARIS

Copyright © 2011 by Sylvia Day

Todos os direitos reservados incluindo o direito de reprodução integral ou parcial em qualquer formato.

Edição publicada de acordo com NAL Signet, um membro da Penguin Group (USA) Inc.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL A Touch of Crimson

PREPARAÇÃO Gabriela Ghetti

REVISÃO Juliane Kaori e Gabriela Morandini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

Um toque de vermelho / Sylvia Day ; tradução
Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2013.

Título original: A Touch of Crimson.

ISBN 978-85-65530-29-3

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-01872

CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Glossário

CAÍDOS — os *Vigias* depois de deixarem de ser anjos. Eles perderam as asas e a alma, e se transformaram em criaturas imortais bebedoras de sangue, que não podem procriar.

LACAIOS — mortais que foram *Transformados* em *vampiros* por um *Caído*. A maioria dos mortais não lida bem com a mudança, e se transformam em criaturas raivosas. Ao contrário dos *Caídos*, não suportam a luz do sol.

LICANOS — um subgrupo dos *Caídos*, que foram poupados do vampirismo em troca do compromisso de servir aos *Sentinelas*. Seu sangue foi misturado ao dos demônios, o que tornou sua alma mortal. Eles podem mudar de forma e procriar.

NEFIL — singular de *nefilim*.

NEFILIM — filhos de mortais com *Vigias*. O fato de beberem sangue inspirou o castigo vampiresco imposto aos *Caídos*.

(“eles se voltaram contra os homens, a fim de devorá-los” — Enoque 7:13)

(“Nenhuma comida eles comerão; e terão sede” — Enoque 15:10)

SENTINELAS — uma tropa de elite de *serafins*, cuja missão é garantir o cumprimento da punição imposta aos *Vigias*.

SERAFINS — membros das mais altas fileiras na hierarquia angelical.

TRANSFORMAÇÃO — o processo ao qual um mortal é submetido para se tornar um *vampiro*.

VAMPIROS — termo que se refere tanto aos *Caídos* como a seus *lacaio*s.

VIGIAS — duzentos anjos *serafins* enviados à terra no princípio dos tempos para monitorar os mortais. Eles violaram a lei ao se acasalarem com os mortais e foram condenados a viver eternamente sobre a terra como *vampiros*, sem possibilidade de perdão.

1

“Phineas está morto.”

A notícia atingiu Adrian Mitchell como um soco no estômago. Trêmulo, agarrado ao corrimão, ele deu meia-volta na escada e encarou o serafim que vinha subindo logo atrás. Nessa nova situação, Jason Taylor assumiria o antigo posto de Phineas como o segundo no comando da cadeia hierárquica de Adrian. “Quando? Como?”

Jason não teve dificuldade em acompanhar o passo sobre-humano de Adrian em direção ao topo do prédio. “Há mais ou menos uma hora. O fato foi reportado como um ataque vampiresco.”

“Ninguém percebeu que havia um vampiro por perto? Como assim, porra?”

“Foi isso que eu perguntei também. Mandeí Damien ir até lá investigar.”

Chegaram ao último patamar. O segurança licano que ia à frente abriu a pesada porta de metal, e Adrian pôs os óculos escuros antes de sair sob o sol do Arizona. Ele observou a reação de desgosto do segurança diante do calor implacável e ouviu um resmungo de reclamação do outro licano, que protegia a retaguarda. Criaturas reféns de seus instintos, eles eram bastante suscetíveis a estímulos físicos, ao contrário dos serafins e vampiros. Adrian nem notou a mudança de temperatura — a perda de Phineas tinha feito seu sangue gelar.

Um helicóptero estava à espera logo adiante, com as hélices girando pelo ar opressivamente seco e carregado de poeira. Na lateral da aeronave, havia a inscrição MITCHELL AERONÁUTICA e o logo alado da empresa de Adrian.

“Então você tem dúvidas.” Ele preferiu se concentrar nos detalhes, porque aquele não era o momento de deixar transparecer sua fúria. Por dentro, estava sendo consumido pela perda de seu melhor

amigo e braço direito. Mas, como líder dos Sentinelas, ele não podia demonstrar suas emoções em público. A morte de Phineas certamente causaria alvoroço entre as fileiras de sua unidade de elite de serafins. Os Sentinelas recorreriam a ele como exemplo de fortaleza e liderança.

“Um dos licanos sobreviveu ao ataque.” Apesar do som do motor do helicóptero, Jason não precisou levantar a voz para ser ouvido. Seus olhos azuis também estavam descobertos, deixando o par de óculos escuros no topo da cabeça. “Achei meio... *suspeito* o fato de Phineas estar investigando o crescimento da matilha do lago Navajo e sofrer uma emboscada no caminho de volta. E depois um dos cães consegue sobreviver e diz que foi um ataque vampiresco?”

Fazia séculos que Adrian utilizava os licanos como seguranças para os Sentinelas e como cães pastores a fim de conduzir os vampiros a determinadas áreas. No entanto, alguns sinais de descontentamento entre os licanos mostravam que era hora de reavaliar sua estratégia. Eles haviam sido criados com o único objetivo de servir à sua unidade. Caso fosse necessário, Adrian os faria lembrar do pacto firmado por seus ancestrais. Eles corriam o risco de se transformar em vampiros sem alma, sugadores de sangue, mas poderiam ser poupados caso se comprometessem a cumprir sua antiga função. Alguns licanos achavam que sua dívida já havia sido paga pelas gerações anteriores e tinham dificuldade em aceitar o fato de que este mundo fora feito para os mortais. Eles jamais conseguiriam viver em meio aos humanos. O único lugar possível para os licanos era o que Adrian tinha designado para eles.

Um dos seguranças se abaixou e adentrou a turbulência criada pela hélice do helicóptero. Ao chegar à aeronave, o licano abriu a porta.

Os poderes de Adrian o protegeram do vendaval, permitindo que seguissem em frente sem esforço. Ele olhou para Jason. “Preciso interrogar o licano que sobreviveu ao ataque.”

“Vou dizer isso para Damien.” O vento atingiu os cachos dourados do tenente, mandando seus óculos escuros pelos ares.

Adrian os apanhou em pleno voo com um movimento absurdamente veloz. Dentro da cabine, ele assumiu seu lugar num dos assentos que ficavam virados para trás.

Jason se sentou no outro. “Mas eu sou obrigado a perguntar: para que serve um cão de guarda que não consegue proteger nada? Talvez você devesse sacrificá-lo, para servir de exemplo.”

“Se a culpa for mesmo dele, esse cão vai preferir morrer.” Adrian jogou os óculos escuros no colo de seu tenente. “Mas, até descobriremos o que aconteceu, ele é uma vítima, e minha única testemunha. Vou precisar dele para pegar e punir quem fez isso.”

Os dois licanos se posicionaram nos assentos em frente. Um era baixo e atarracado. O outro tinha quase a altura de Adrian.

O mais alto ajustou o cinto e falou: “A parceira daquele cão morreu tentando proteger Phineas. Se ele pudesse fazer alguma coisa para evitar, certamente teria feito.”

Jason abriu a boca para falar.

Adrian o silenciou com um aceno de mão. “Então você é Elijah.”

O licano confirmou com a cabeça. Tinha os cabelos escuros e os olhos verdes incandescentes de uma criatura maculada com o sangue dos demônios. Um dos motivos da relação conflituosa entre Adrian e os licanos era que ele havia misturado o sangue de seus ancestrais seráficos ao dos demônios quando eles juraram servir aos Sentinelas. Esse toque demoníaco foi o que os tornou metade homens, metade animais, e o que fez com que suas almas sobrevivessem depois da amputação de suas asas. Com isso os licanos também se tornaram mortais, com ciclos de vida finitos, e muitos deles se ressentiam disso.

“Você parece estar mais bem informado do que o próprio Jason”, assinalou Adrian, enquanto observava o licano. Elijah tinha sido mandado até Adrian para ser vigiado, pois demonstrava inaceitáveis atributos de macho alfa. Os licanos eram treinados para obedecer cegamente aos Sentinelas. Se algum deles ganhasse proeminência sobre os demais, poderia dividir o sentimento de lealdade da matilha e liderar uma potencial rebelião. A melhor maneira de lidar com esse problema era cortando o mal pela raiz.

Elijah olhou pela janela e viu o teto do edifício se afastar cada vez mais à medida que o helicóptero subia pelo céu azul e sem nuvens de Phoenix. Seus punhos estavam cerrados, evidenciando o pavor inato

de voar de sua espécie. “Todos nós sabemos que, depois que encontra seu parceiro, uma criatura da nossa espécie se torna incapaz de viver sozinha. Licano nenhum deixaria seu parceiro morrer deliberadamente. Por razão nenhuma no mundo.”

Adrian se recostou no assento, tentando aliviar a tensão de suas asas recolhidas, que queriam se abrir e mostrar o quanto ele estava magoado e furioso. O que Elijah falou era verdade, e isso o deixava diante da perspectiva de uma ofensiva vampiresca. Ele apoiou a cabeça no assento. Dentro dele, o desejo de vingança queimava como ácido. Os vampiros já tinham lhe tirado tanta coisa... a mulher que amava, seus amigos, seus companheiros Sentinelas. Ele sentia a morte de Phineas como se tivesse perdido um pedaço de si mesmo. Quem quer que fosse o responsável por seu assassinato iria sofrer tudo isso e muito mais.

Consciente de que os óculos escuros eram incapazes de esconder suas íris flamejantes, que revelavam a turbulência de seus sentimentos, ele olhou para o outro lado...

... e por pouco não viu o brilho da luz do sol sobre a superfície da prata.

Ele se desviou para o lado por instinto, e a adaga passou a milímetros de seu pescoço.

Não demorou muito para que ele se desse conta do que acontecia. *A piloto.*

Adrian apanhou o braço que se esticava por cima de seu encosto de cabeça e provocou uma fratura no osso. Um grito feminino ecoou na cabine. O braço quebrado da piloto estava apoiado sobre o couro num ângulo nem um pouco natural. A lâmina foi ao chão. Adrian se soltou do cinto e se virou, mostrando suas garras. Os licanos partiram para o ataque, um de cada lado.

Sem uma mão que o guiasse, o helicóptero se sacudiu e perdeu o rumo. Bipes frenéticos começaram a ressoar pela cabine.

A piloto ignorou o braço inutilizado. Usando o outro, investiu com uma segunda adaga de prata pelo vão entre os dois assentos virados para trás.

Presas escancaradas. Boca espumante. Olhos vermelhos injetados.

Uma maldita vampira. Abalado pela morte de Phineas, Adrian tinha se descuidado feio.

Os licanos estavam em pé, liberando toda sua ferocidade diante da ameaça. Seus rugidos ferozes reverberavam naquele espaço confinado. Elijah, encurvado sob o teto baixo, sacudiu o punho fechado e atacou. O impacto a derrubou sobre o manche cíclico da aeronave, empurrando-o para a frente. O nariz da aeronave embicou para baixo, em direção ao chão.

Os alarmes que soavam no painel eram ensurdecedores.

Adrian atacou, atingindo a vampira com um golpe no abdome e a arremessando através do vidro da frente da cabine. Em queda livre pelos ares, eles se atracaram.

“Isso é só o começo, Sentinela”, ela soltou enquanto espumava pela boca, com os olhos arregalados, tentando mordê-lo com os caninos afiados.

Ele a esmurrou nas costelas, atravessando a carne e estilhaçando os ossos. Agarrou o coração dela com a mão, e abriu um sorriso.

Suas asas se abriram em uma explosão ofuscante de branco manchado com vermelho. Como se tivesse aberto um paraquedas de dez metros de largura, a queda foi interrompida de maneira abrupta, fazendo com que o órgão pulsante fosse arrancado do corpo da vampira. Ela se desintegrou enquanto ia ao chão, deixando um rastro de fumaça ácida e cinzas pelo ar. Na mão de Adrian, o coração ainda batia, cuspidando um sangue viscoso pela última vez antes de pegar fogo. Ele espremeu o órgão até que se transformasse numa massa disforme e o descartou. Ardendo em brasas, o coração se desfez numa nuvem incandescente.

O helicóptero rugia e caía numa espiral rumo ao chão do deserto.

Adrian fechou as asas e mergulhou na direção da aeronave. Na cabine já sem vidro, um licano apareceu pálido e com os olhos verdes em chamas.

Jason voou do helicóptero destruído com a velocidade de uma bala. Depois deu meia-volta no céu com suas asas cinzentas e avermelhadas. “O que está fazendo, capitão?”

“Salvando os licanos.”

“Por quê?”

A ferocidade do olhar de Adrian foi a única resposta que ele se limitou a dar. Prudente, Jason se posicionou a seu lado.

Adrian sabia que aquelas criaturas precisariam ser compelidas a enfrentar seu terrível medo de altura, então ordenou ao que estava na cabine: “Pule.”

A ressonância angelical de sua voz retumbou pelo deserto como um trovão, e não tinha como não ser obedecida. Sem nem parar para pensar, o licano se arremessou pelo ares. Voando diretamente em sua direção, Jason apanhou o segurança em pleno voo.

Elijah não precisou nem ouvir a voz de comando. Demonstrando uma coragem admirável, lançou-se da aeronave em queda com um mergulho elegante e calculado.

Adrian se posicionou debaixo dele, soltando um ruído quando o licano musculoso se espatifou contra suas costas. Estavam a poucos metros do chão, por isso as batidas de suas asas faziam levantar poeira.

O helicóptero caiu no deserto uma fração de segundo depois, e sua explosão levantou uma coluna de chamas que podia ser vista a quilômetros de distância.

2

A personificação de um sonho erótico estava circulando pelo Aeroporto Internacional de Phoenix.

Lindsay Gibson o viu no portão de embarque, ao dar uma olhada rápida ao redor. Aturdida por sua sensualidade crua e escancarada, ela se deteve e soltou um suspiro baixinho de admiração. Talvez sua sorte enfim estivesse mudando. Ela bem que precisava de alguma coisa para alegrar seu dia. A decolagem em Raleigh havia atrasado quase uma hora, e ela perdeu a conexão. Pelo número de passageiros se preparando para embarcar, uns minutinhos a mais e ela não teria conseguido uma passagem para o voo seguinte.

Depois de examinar a multidão ao redor, Lindsay voltou sua atenção para o homem mais indecente que já havia visto na vida.

Ele zanzava de um lado para outro num canto mais afastado da área de espera, com uma passada precisa e controlada, demarcada pelas longas pernas vestidas num jeans claro. Os cabelos grossos e escuros ligeiramente compridos, emoldurando seu rosto másculo. Uma camiseta creme com gola em V escondia seus ombros fortes, um sinal de que as partes que as roupas ocultavam faziam jus às que deixavam expostas.

Lindsay afastou da testa uma mecha dos cabelos molhados para apreciar melhor os detalhes. *Sex appeal* da cabeça aos pés, era o que aquele cara tinha. Do tipo que é impossível de fingir ou imitar — do tipo que transformava a beleza física num simples bônus.

Ele se movia por entre a multidão sem nem levantar os olhos, e mesmo assim foi capaz de se desviar de um homem que cruzou seu caminho. Sua atenção estava toda concentrada num BlackBerry, demonstrando tamanha habilidade na digitação que o ventre de Lindsay se contraiu.

Uma gota de chuva desceu por sua nuca. O contato suave com água fria fez com que a experiência de observá-lo se tornasse fisicamente mais intensa. Atrás dele, os vidros transparentes revelavam o céu cinzento do fim da tarde. A chuva escorria pelas janelas do terminal. Aquele mau tempo era inesperado, e não apenas porque o relatório meteorológico não previa chuva. Ela sempre tinha sido capaz de sentir a proximidade das chuvas com uma precisão incomum, mas essa tempestade lhe havia passado despercebida. Fazia sol quando ela aterrissou, e pouco depois o céu desabou.

Ela adorava chuva, e em outra ocasião qualquer não se importaria de sair no meio do aguaceiro para pegar o ônibus que a levaria até o avião. Naquele dia, porém, o mau tempo parecia carregar consigo um mau agouro. Uma sensação de melancolia, ou de luto. E ela havia se deixado levar por isso.

Desde que era capaz de se lembrar, Lindsay sentia que o vento se comunicava com ela. Fosse gritando em meio a uma tempestade ou sussurrando através de uma brisa, ela sempre conseguia decifrar a mensagem. Não por meio de palavras, mas de sensações. Seu pai chamava isso de sexto sentido e fez de tudo para demonstrar que era uma coisa exótica e interessante, e não alguma espécie de aberração grotesca.

Esse radar interior era o que direcionava seu olhar para aquele homem no portão de embarque, mais ainda que a beleza dele. Em sua aparência, havia algo de melancólico que a fazia lembrar a tempestade que tomava força atrás da janela. Era aquela qualidade que a atraía... além da ausência de uma aliança no dedo dele.

Lindsay se virou, ficou de frente para o homem e desejou que ele a olhasse.

Ele ergueu a cabeça. Seus olhares se encontraram.

Foi como se ela tivesse recebido uma rajada de vento no rosto, fazendo com que seus cabelos se arrepiassem. Mas a sensação não era de frieza, e sim de um calor úmido e sedutor. Lindsay manteve os olhos fixos nele por um instante que pareceu infinito, hipnotizada por seus olhos azuis cintilantes, que demonstravam sintonia com a fúria ancestral da tempestade lá fora.

Ela respirou fundo e tomou o caminho de uma lojinha de *pretzels* ali ao lado, dando a ele a oportunidade de retribuir o óbvio interesse manifestado por ela... ou não. Meio que por instinto, ela sabia que ele não era o tipo de homem que corria atrás de mulher.

Lindsay foi até o balcão e olhou o cardápio. O cheiro da massa quentinha e macia e da manteiga derretida era de dar água na boca. A última coisa de que ela precisava antes de ficar sentada por mais uma hora num avião era uma bomba calórica como um *pretzel* gigante. Por outro lado, talvez uma boa dose de serotonina fosse capaz de acalmar seus nervos exaltados pela sensação de estar espremida numa multidão.

Ela fez o pedido. “Palitinhos de *pretzel*, por favor. Com molho marinara e um refrigerante diet.”

A moça do caixa informou o valor. Ela remexeu na bolsa em busca da carteira.

“Pode deixar.”

Minha nossa... aquela voz. Sedutoramente sonora. Lindsay tinha certeza de que era *ele*.

Ele se inclinou em sua direção, e ela sentiu o perfume exótico dele. Não era colônia. Era um cheiro de homem. Natural e viril. Puro e límpido, como o ar depois de uma tempestade.

Ele fez a nota de vinte dólares deslizar pelo balcão. Ela sorriu e deixou que ele pagasse.

Era uma pena que estivesse vestida com um jeans velho, uma camiseta larga e coturnos. Nada poderia ser mais confortável, mas para aquele homem ela preferia estar bonita e arrumada. Ele evidentemente pertencia a um outro mundo, o que ficava claro pela beleza de astro de cinema e pelo relógio Vacheron Constantin que ostentava no pulso.

Ela se virou e estendeu a mão para ele. “Obrigada, senhor...?”

“Adrian Mitchell.” Ele aceitou o cumprimento e aproveitou para acariciar seus dedos com os polegares.

Lindsay sentiu uma reação visceral ao toque dele. Ficou quase sem fôlego, e seu coração disparou. Visto de perto, ele era irresistível. Ferozmente masculino e terrivelmente lindo. Impecável. “Olá, Adrian Mitchell.”

Ele se agachou e pegou a etiqueta da mala dela com seus dedos

longos e masculinos. “Prazer em conhecê-la, Lindsay Gibson... de Raleigh? Ou está voltando de viagem?”

“Estou indo para o mesmo lugar que você. No mesmo avião.”

Os olhos dele tinham um tom de azul muito pouco habitual. Como a coloração cerúlea que se vê no coração das chamuscas. Combinados com a pele morena e emoldurados pelos cílios compridos, eram simplesmente deslumbrantes.

E estavam concentrados nela como se não houvesse mais nada no mundo para se ver.

Ela a observou da cabeça aos pés com um olhar intenso. Lindsay se sentiu exposta e envergonhada, como se ele a tivesse despidido em pensamento. Seu corpo reagiu à provocação. Os seios incharam, a tensão nos músculos foi se dissipando.

Qualquer mulher teria amolecido toda diante dele, porque não havia nada naquele corpo que denunciasse um sinal qualquer de insegurança. Dos ombros largos e os bíceps delineados até as feições milimetricamente esculpidas do rosto, cada ângulo do corpo dele parecia afiado e preciso.

Ele se inclinou sobre ela para pegar o troco, movimentando-se de maneira ágil e naturalmente elegante.

Aposto que ele deve ser um animal na cama.

Excitada pelo próprio pensamento, Lindsay apanhou a mala pela alça. “Então você mora no Orange County? Ou está viajando a negócios?”

“Estou indo para casa. Para Anaheim. E você?”

Ela foi até o outro balcão, para pegar seu pedido. Ele a seguiu com uma passada mais comedida, mas que não escondia a determinação de ir atrás dela. Essa característica um tanto predatória fez com que ela ficasse ansiosa. Sua sorte enfim havia mudado — seu destino final também era Anaheim.

“O Orange County é o meu futuro lar. Estou me mudando para lá, a trabalho.” Ela preferiu não entrar em detalhes, como a cidade em que ia morar. Sabia bem como se proteger quando era necessário, mas não estava disposta a arrumar mais problemas além dos que já tinha.

“É uma grande mudança. Para o outro lado do país.”

“Estava na hora de mudar.”

Ele abriu um leve sorriso. “Vamos jantar juntos.”

O tom aveludado da voz dele fez o interesse dela crescer ainda mais. Ele era carismático e tinha uma personalidade magnética, duas qualidades capazes de produzir relacionamentos memoráveis, ainda que de curta duração.

Ela pegou o saquinho de papel e o refrigerante que a atendente entregou. “Você vai direto ao ponto. Eu gosto disso.”

A chamada para o voo fez com que sua atenção se voltasse para o portão de embarque. Na verdade era o anúncio de um pequeno atraso, o que deixou os passageiros um tanto inquietos. Adrian não tirava os olhos dela.

Ele apontou para uma fileira de assentos logo adiante. “Ainda temos tempo para nos conhecer melhor.”

Lindsay o acompanhou até lá. Deu outra espiada ao redor, e viu que não eram poucas as mulheres com os olhos vidrados em Adrian. A sensação de que ele era como uma tempestade em pleno curso não parecia mais tão intensa, e a chuva lá fora se tornou pouco mais que uma garoa forte. A correlação entre os dois eventos era intrigante.

A reação feroz que sentiu ao ver Adrian Mitchell e aquela capacidade sem igual de despertar seu radar meteorológico interior foram determinantes para a decisão de deixá-lo se aproximar. As anomalias de sua vida sempre mereciam uma maior investigação.

Ele esperou que ela se sentasse antes de perguntar: “Algum amigo vai buscar você no aeroporto? Ou algum parente?”

Não havia ninguém à espera dela, apenas uma van reservada para levá-la ao hotel onde se hospedaria até encontrar um apartamento. “Não é aconselhável fornecer esse tipo de informação a um estranho.”

“Então vamos amenizar os riscos.” Ele se inclinou com um gesto fluido, levando a mão ao banco de trás para pegar a carteira. Tirou um cartão de visita e entregou para ela. “Ligue para quem estiver à sua espera e diga quem eu sou e como entrar em contato comigo.”

“Você é bastante determinado.” *E claramente está acostumado a dar ordens.* Ela não se importou. Lindsay tinha a personalidade forte e, se não encontrasse resistência, acabava ela mesma assumindo o coman-

do. Homens dóceis e gentis eram desejáveis em certas situações, mas não em sua vida pessoal.

“Sou mesmo”, ele concordou, sem hesitação.

Lindsay apANHOU o cartão. Seus dedos se tocaram, e a eletricidade subiu pelo braço dela.

Ele respirou fundo, pegou a mão dela e acariciou a palma com os dedos. Parecia que estava mexendo entre suas pernas, porque o nível de excitação foi o mesmo. Ele a olhava com um desejo sexual quase palpável, intenso e implacável. Como se soubesse exatamente o que fazer para deixá-la toda entregue... ou estivesse prestes a descobrir.

“Você está me parecendo encrenca certa”, ela murmurou, fechando a mão para que ele não tirasse os dedos.

“Vamos jantar. E conversar. Prometo que vou me comportar.”

Sem largá-lo nem por um minuto, ela pegou o cartão de visita com a outra mão. O sangue pulsava com força em suas veias por causa daquela excitação tão imediata e imprevista. “Mitchell Aeronáutica”, ela leu. “E você está viajando num voo regular.”

“Eu tinha outros planos.” O tom de voz dele ficou sério. “Mas meu piloto me deixou na mão.”

O piloto *dele*. Ela abriu um sorrisinho. “Você não odeia quando isso acontece?”

“Geralmente, sim... Mas aí apareceu você.” Ele sacou o Black-Berry do bolso. “Use o meu telefone, assim quem atender já vai ter o número.”

Não sem alguma relutância, Lindsay o soltou e pegou o celular, apesar de poder muito bem usar o seu. Deixou o refrigerante no chão acarpetado e levantou. Adrian fez o mesmo. Ele era rico, elegante, educado, solícito e lindo de morrer. Apesar de parecer um sujeito civilizado, havia um quê de perigo pairando sobre ele, algo que apelava para os instintos mais elementares de uma mulher. Talvez o aeroporto lotado tivesse aguçado seus sentidos. Ou talvez fosse o indicativo de uma química sexual volátil entre os dois. Fosse o que fosse, ela não estava achando nada ruim.

Deixando o saquinho com os *pretzels* no assento, ela se afastou um

pouco e digitou o número da oficina mecânica de seu pai. Enquanto isso, Adrian foi até o balcão do portão de embarque.

“Linds. Você já chegou?”

Ela ficou surpresa com o modo como ele atendeu. “Como você sabia que era eu?”

“Eu vi o número que estava ligando. O código é da Califórnia.”

“Ainda estou em Phoenix, na conexão. Estou ligando de um celular emprestado.”

“O que aconteceu com o seu? E por que ainda está em Phoenix?” Eddie Gibson criou sozinho a filha durante vinte anos, e era um pai superprotetor, o que não era de se estranhar ao levar em conta as circunstâncias terríveis da morte de Regina Gibson.

“Não aconteceu nada com o meu, e eu perdi a conexão. É que conheci uma pessoa.” Lindsay explicou quem era Adrian e passou as informações contidas no cartão de visita. “Não estou com medo. É que ele é o tipo de cara que parece estar precisando de um freio. Acho que não está acostumado a ouvir a palavra ‘não’ com muita frequência.”

“Acho que não mesmo. Mitchell é uma espécie de Howard Hughes.”

Ela levantou as sobrancelhas. “É mesmo? Dinheiro, filmes, estrelas de cinema? Ele está metido com tudo isso?”

Lindsay observou Adrian por trás, aproveitando a chance de estudá-lo melhor enquanto estava distraído. Era tão atraente como de frente, tinha as costas largas e um traseiro apetitoso.

“Se você conseguisse se concentrar em alguma coisa por mais de cinco minutos, saberia disso”, respondeu seu pai.

De fato, ela não era capaz de se lembrar da última vez que tinha lido uma revista, e havia desistido de assinar a tevê a cabo fazia muitos anos. Alugava filmes e temporadas inteiras de seriados, porque não queria perder tempo com os intervalos. “Não estou conseguindo dar conta nem da minha vida, pai. Onde é que vou arrumar tempo para cuidar da vida dos outros?”

“Da minha você está sempre cuidando”, ele provocou.

“Você eu conheço. E amo. Mas celebridades? Não é a minha praia.”

“Ele não é uma celebridade. Na verdade sabe proteger muito bem

sua privacidade. Vive numa propriedade enorme no Orange County. Eu vi na tevê uma vez. É tipo uma maravilha da arquitetura. Mitchell parece o Hughes porque é um zilionário recluso que adora aviões. A mídia fica em cima dele porque o pessoal adora aviadores. Isso sempre foi assim. E dizem que ele é bonitão também, mas isso eu não sei julgar.”

E ela o havia distinguido no meio de uma multidão. “Obrigada pela informação. Eu ligo quando chegar.”

“Eu sei que você pode muito bem se cuidar sozinha, mas juízo.”

“Claro. E você, nada de porcarias no jantar. Faça uma comida de verdade. Ou melhor, arrume uma gata para cozinhar para você.”

“Linds...”, ele começou, fingindo irritação.

Aos risos, ela encerrou a ligação, depois acessou o histórico de chamadas do celular e apagou o número.

Adrian apareceu com um resto de sorriso ainda nos lábios. Seus movimentos eram tão fluidos, demonstravam de tal forma sua força e sua confiança, que ela os considerava ainda mais atraentes que sua aparência. “Tudo certo?”

“Certíssimo.”

Ele estava segurando um cartão de embarque. Lindsay viu seu nome nele e franziu a testa.

“Eu tomei a liberdade”, ele explicou, “de pegar assentos vizinhos para nós.”

Ela pegou a passagem. Primeira classe. Assento número dois, mais de vinte fileiras à frente do que ela tinha reservado. “Eu não tenho como pagar por isso.”

“Você não precisa pagar por uma passagem que foi mudada por iniciativa minha.”

“Não dá para mudar a passagem de alguém sem ter um documento com foto.”

“É, mas eu mexi uns pauzinhos.” Ele pegou de volta o celular que ela entregou com a mão estendida. “Tudo bem para você?”

Ela acenou com a cabeça, mas seus sinais de alerta estavam todos acionados. Com as normas de segurança em aeroportos mais rígidas do que nunca, seria preciso um ato divino para alterar a passagem sem

sua permissão. Talvez a atendente da companhia aérea tenha sucumbido ao charme de Adrian, ou talvez ele tenha molhado a mão dela pra valer, mas Lindsay não tinha o costume de ignorar seus sinais de alerta. Ela teria que repensar sua atitude com relação a ele, e reavaliar as expectativas de um caso breve e ardente, algo passageiro e sem maiores consequências.

Na verdade, um cara como Adrian nem precisava se esforçar tanto para levar alguém para a cama. Todas as mulheres do aeroporto estavam vidradas nele, lançando olhares que diziam: “Se você quiser, eu sou sua”. Ora, até alguns homens estavam olhando para ele daquele jeito. E ele conseguia manter um clima de sedução com tamanha maestria que Lindsay sabia que já devia ser considerada presa fácil para ele. Adrian estava distraído, com o olhar perdido e um ar de indiferença que parecia funcionar como um escudo. Ela o havia encarado diretamente, em um convite sexual explícito, mas não acreditava que ele tinha mordido a isca. Ela estava molhada de chuva e malvestida. A confiança era um fator que atraía os homens poderosos, claro, e isso Lindsay tinha de sobra, mas ainda não era uma explicação plausível para o fato de estar se sentindo cortejada.

“Só para deixar tudo bem claro”, ela começou. “Fui criada para querer que os homens abram a porta para mim, puxem a cadeira e paguem a conta. Em troca, eu fico bonita e tento ser agradável. É assim que funcionam as coisas. O dinheiro para mim não compra o sexo. Tudo bem para você?”

Ele curvou os lábios em um sorriso leve que já estava se tornando familiar para ela. “Tudo perfeito. Vamos ter uma hora para conversar no avião. Se você ainda estiver incomodada com alguma coisa quando chegarmos, eu me contento só em pegar seu telefone. Caso contrário, nós podemos ir embora juntos do aeroporto no meu carro.”

“Combinado.”

Ele a olhou com o que parecia ser uma pontinha de satisfação. Lindsay retribuiu com um olhar parecido. Quaisquer que fossem seus motivos, Adrian Mitchell era um mistério que valia a pena desvendar.